



AS NEGRAS DE CLAUDIA, LUSO-TROPICALISMO EM REVISTA

Gabrielle Vívian Bittelbrun¹

Resumo: *Entre os temas de um orgulho nacional brasileiro estão a convivência pacífica e a miscigenação de raças. A generosa mistura teria sido a responsável, inclusive, pela “mulher brasileira” que, juntamente com futebol e samba, fazem parte dos “tópicos” mais lembrados quando se fala em Brasil. Nos alicerces desse orgulho estão as teses luso-tropicalistas de Gilberto Freyre, discutidas em obra de Omar Ribeiro Thomaz e que podem ser denunciadas também nos discursos de uma revista atual como Claudia, o que merece questionamento. A ideia de um país integrador, que saberia reverenciar celebridades de todos os tons de pele, é evidenciada especialmente nas edições da revista que têm como ícones celebridades negras. Porém, assim como comportamentos racistas de portugueses em suas colônias passariam ao largo dos discursos do famoso sociólogo Freyre, Claudia não cede espaço para a discussão sobre a discriminação a mulheres negras, e mantém a subalternização de indivíduos ao colocar as brancas na exaustiva maioria de capas e reportagens principais.*

Palavras-chave: *Racismo. Luso-tropicalismo. Gênero. Revista Claudia.*

INTRODUÇÃO

A mulher “tipicamente brasileira” ou “brasileiríssima”, para a revista *Claudia*, tem a pele “morena”, os lábios “generosos”, o corpo “curvilíneo”, os cabelos “volumosos” e os olhos “que parecem sorrir” como os de Camila Pitanga (CLAUDIA, mar. 2006; abr. 2010). Caracterização semelhante é apontada quando se fala em Taís Araújo, que prefere seus cabelos “naturalmente cacheados”, em um orgulho à raça, e foi considerada a “musa da igualdade” (CLAUDIA, set. 2009). Na apresentação das duas personagens que se consideram negras, sugere-se uma multirracialidade responsável pela beleza, sensualidade e carisma das atrizes. *Claudia* reforça, então, os alicerces da noção do país como palco de uma mistura harmônica de raças que teria dado belos frutos, entre os quais estão as mulheres “tropicais” e “com sabor de Brasil”, como se afirma na capa e na reportagem principal da edição de março de 2006 da consolidada publicação.

A miscigenação também caminharia junto com uma convivência pacífica, como indicam os sorrisos largos e as posturas descontraídas – remetendo à felicidade plena – das mencionadas atrizes negras nas fotos; diversidade de raças representada em pé de igualdade, já que estaria simbolizada nas primeiras páginas da maior revista feminina do país².

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), da Linha de Pesquisa Estudos Feministas; mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC; jornalista graduada em Comunicação Social, com Habilitação em Jornalismo, pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). E-mail: gabivibi@gmail.com

² Segundo o site da Editora Abril, a tiragem de *Claudia* é de 450.568 mensais, em uma estimativa de mais de dois milhões de leitores por mês, o que faria dela a maior revista em circulação voltada para o público feminino. Do total de leitores, segundo levantamento da editora, 94% são mulheres.



Exaltando a suposta integração racial e, na mesma medida, reduzindo a dimensão das discriminações no país, *Claudia* beira os discursos de Gilberto Freyre, que serviram para justificar o colonialismo mantido por Salazar e foram problematizados por Thomaz (2007) e Henriques (2004). Como explicam estes dois últimos, Freyre destacava o que acreditava ser uma enorme capacidade de assimilação e integração de povos no Brasil. O mundo criado pelo português, no entanto, esconderia comportamentos racistas, em uma constante valorização do branco. Resquícios que não deixam de ser denunciados por *Claudia*, em sua frequente apresentação de mulheres brancas, apesar de elogiar a miscigenação em dados momentos. Não é raro, então, as “brasileiríssimas” serem invisibilizadas, ou, superficialmente retratadas na publicação.

Entre os recursos que mascaram os direcionamentos da revista, além da aura de um suposto convívio pacífico entre diferentes raças de mulheres, está uma sugerida oportunidade igualitária que permite que *Pitangas* e *Araújo*s também conquistem espaço na televisão, no cinema, nas passarelas, na mídia, ignorando-se a pouca frequência com que isso ocorre. Passam anos inteiros sem que uma negra estampe a capa de *Claudia*, o que é reiterado nas páginas interiores da publicação. As discussões sobre questões raciais são isoladas, como se esse tipo de discriminação não fosse prática social sistemática. Além disso, por contribuir para a valorização de referenciais europeus, a revista caminha pelas vias da colonialidade, ao mesmo tempo em que se vale das teses de Freyre.

Considera-se que pensar as mulheres é também pensar a temática racial e analisar as desigualdades que atravessam o gênero, como já destacaram Lorde (1998) e Brah (2006), em uma postura crítica diante do que sugere *Claudia*. Diante de tais aspectos, pretende-se debater as cinco edições dos últimos cinco anos em que as negras ocuparam o lugar mais privilegiado da revista: as capas, merecendo também as matérias principais dessas edições. Acredita-se que olhar a figura feminina destacada por edições da publicação, sem deixar de se admitir ainda linhas gerais de outros exemplares, é olhar também os rostos pelos quais as negras³ são, ou não, representadas, as adjetivações, os discursos de diferença, os silêncios.

HERANÇAS DE FREYRE NAS PÁGINAS

Não há como entender os ideais sobre os quais *Claudia* se fundamenta sem se levar em conta aspectos da era colonial. O colonizador “impôs uma dominação que desencadeou as mais diversas tensões e conflitos e uma violência permanente, obrigando a construção de mitos, imagens, ideias capazes de justificar as ações e as

³ Neste trabalho, enfoca-se na discriminação racial voltada às negras, pela representatividade no país e por se acreditar que a questão racial é mais determinante para esse grupo, em comparação com as consideradas pardas. Não há levantamentos sobre a porcentagem de negras entre as leitoras de *Claudia* mas, segundo dados do IBGE de 2010, 7,6% da população brasileira se auto-intitula negra, totalizando 15 milhões de pessoas, enquanto 43,1% se denomina parda, em um total de 82 milhões de pessoas. Os dois grupos juntos extrapolam o de brancos (apesar dos direcionamentos dos discursos da revista), que representariam 47,7% da população, 91 milhões de brasileiros. Amarelos seriam 1,1%, totalizando 2 milhões no país, e indígenas, 0,4%, 817 mil pessoas.



agressões colonizadoras” (HENRIQUES, 2004, p. 299). No caso do Brasil, a autoridade colonial portuguesa foi construída sobre a figura do europeu como superior, fundamentando-se em teorias racistas e proclamando a “degenerescência” brasileira em função da influência africana, como expôs ainda Almeida (2007, p. 36).

Mas o desejo de manter sob sua dominação às colônias africanas fez com que Portugal elevasse o Brasil como exemplo de contato harmonioso de povos. A boa convivência entre raças seria apresentada à comunidade internacional como a bandeira que a nação portuguesa estaria encarregada de levar. Noção que, posteriormente, teria o apoio de trabalhos como os de Freyre, a partir de 1940, que destacavam a democracia brasileira e a importância do europeu na garantia da ordem e na assimilação de povos indígenas e negros. Nascida como projeto elitista que não estenderia o imaginário da cidadania a todos, essa nacionalidade, com integração supostamente pacífica, para os brasileiros, além de orgulho, tornou-se, nas palavras de Guimarães (1995), “prova incontestada do *status* de povo civilizado”.

Um olhar desatento poderia levar à crença em uma relação no mínimo fraterna entre os diferentes grupos que compunham o todo nacional, o que foi suficiente para que norte-americanos e europeus vissem no território brasileiro o “paraíso das relações raciais”. No entanto, o império português se desfez, deixando, ainda por muitas décadas, a cor branca da pele no patamar de superioridade.

O racismo ficaria como aspecto de colonialidade até a atualidade e se manteria disfarçado na população falsamente tolerante e integradora. Se a colonialidade é um padrão de poder que opera por meio da “naturalização de hierarquias territoriais, raciais, culturais e epistêmicas, possibilitando a reprodução de relações de dominação” (RESTREPO; ROJAS, 2010), o racismo, como uma de suas frentes, faria com que os negros fossem subalternizados, embora não pela segregação legal. Como denunciaram Hasenbalg e Silva (2003, p. 81), a desigualdade social por meio da discriminação da cor é comprovada nos levantamentos atuais, com índices inferiores apresentados por negros nos setores de educação e mercado de trabalho, em relação aos brancos.

Os produtos midiáticos não passariam imunes a esse sistema, sendo que Caldwell (2000) já apontou que a idealização de mulheres brancas como padrão de feminilidade e beleza feminina é muito óbvia na mídia brasileira. E de tal modo que nem a publicação que se auto-afirma libertária, amiga das mulheres, defensora da causa anti-racista conseguiria escapar dessa máxima.

CAMILA PITANGA E TAÍS ARAÚJO: ABORDAGENS DE “BOM TOM”

Apesar de uma breve observação nas capas já sugerir que a publicação confere mais espaço às brancas⁴, *Claudia* atesta ter uma proposta em prol da liberdade e independência feminina. Na edição de setembro de 2009, então, o veículo reitera sua postura anti-racista. A defesa à igualdade é proposta com a campanha “Pelo fim do racismo”, condensada no mencionado exemplar.

⁴ Até 2003, as celebridades não eram obrigatórias nas capas de *Claudia*, sendo frequentes nas fotos modelos não conhecidas. Mesmo assim, a revista já demonstrava preferências por estrelas consagradas como Patrícia Pillar, Bruna Lombardi, Angela Catramby. Recentemente, os alvos se concentram em famosas como Giovanna Antonelli, Fátima Bernardes e Glória Pires que, desde 2010, chegam a aparecer uma vez por ano.



Até ali, a temática das negras tinha sido sugerida, na maior parte das vezes, em dicas específicas de beleza, ou, nos raros destaques, à vida pessoal e à carreira de celebridades como Camila Pitanga (CLAUDIA, mar. 2006, p. 84-87).

No exemplar de 2009, no entanto, a reportagem com Taís Araújo, estrela da capa, abordou a questão da discriminação de maneira explícita. “A vida inteira frequentei colégios que só tinham brancos. De cara, entendi como funcionava o país”, relatou Taís, que na época iria interpretar a primeira protagonista negra em novela da emissora Rede Globo.

Emendada à reportagem, outra matéria trouxe depoimentos sobre situações de preconceito enfrentadas por personalidades nacionais, como a ginasta Daiane dos Santos, e internacionais, como o presidente norte-americano Barack Obama. No editorial daquela edição, intitulado “*Racismo é o fim*”, a diretora de redação Márcia Neder ressaltou que o “mito da democracia racial só fez atrasar a discussão sobre a igualdade” e finalizava: “o combate ao racismo é um legado que devemos passar a todos, brancos, amarelos, vermelhos, negros... Junte-se a nós, defenda essa causa”.

Ainda que significasse um avanço, o exemplar de 2009 limitou a abordagem do tema aos depoimentos, sem análises de especialistas como é comum ocorrer em outras reportagens da revista, o que confere certa superficialidade aos textos. Além disso, o racismo é apontado como se fosse algo perpetuado de forma individual, como preconceito que partiria somente de alguns, e não como algo que é disseminado por instituições e práticas sociais englobando discursos como os de revista.

Essa redução, como observou Caldwell (2000), ao retomar pensamentos de Chris Weedon (1996), obscurece formas de discriminação racial institucionalizadas na sociedade brasileira. Mais do que isso, permite às pessoas, e, também à revista, que, embora reconheçam a existência do racismo, evitem a auto-classificação de racistas e um questionamento de si mesmas. Ao deixar de assumir a própria posição na perpetuação das desigualdades e, ao protelar discussões, a revista, então, mais caminha no sentido inverso de uma verdadeira proposta anti-racista.

De qualquer maneira, a edição que demonstraria esforços em prol da igualdade seria seguida por um hiato de sete meses até que novamente uma negra voltasse a ser um rosto de *Claudia*⁵. A reportagem de capa de abril de 2010, com Camila Pitanga, é voltada para a vida pessoal da atriz, que se dividia entre a família e a grande carga de trabalho. Uma breve pergunta faz referência ao fato de que tanto Camila como Taís Araújo, na época, estavam contracenando em novelas da TV Globo. Camila responde, após a menção a artistas mais antigos que tiveram que lutar para conseguir espaço (como o seu pai, Antônio Pitanga): “Espero que se torne natural e não suscite surpresa”, encerrando o assunto.

⁵ Mesmo assim, embora não seja o foco neste trabalho, quando se tratam de indígenas ou japonesas, a frequência de capas ou reportagens de *Claudia* parece ser ainda menor do que de negras. Em um breve olhar sobre as edições dos anos 2000, não foram encontradas, em destaque, modelos ou celebridades desses grupos. Vale lembrar que a publicação se espelha em famosas das passarelas ou da televisão, o que poderia justificar, até certo ponto, a ausência desses grupos minoritários. No entanto, nota-se que não há qualquer movimento para estimular alguma reflexão sobre esses padrões em voga.



Apesar de ser sugerida a abordagem de diversos tipos de mulheres ou “mulheres inteiras” – como lembra o *slogan* de 2013 da revista – não são problematizadas as diversas categorias, instáveis, pelas quais as mulheres são atravessadas e nem são debatidos os lugares onde essas categorias, de classe, gênero ou opção sexual, as levam ou, onde as limitam. As abordagens sobre a temática racial, por exemplo, tendem a ser superficiais, ao mesmo tempo em que há a reiteração do privilégio das brancas, repetidamente colocadas como modelo na extensa maioria de capas e matérias jornalísticas.

Como aponta Caldwell (2000, p. 5), é justamente a ausência de discussão pública sobre raça e racismo que resultou no apagamento discursivo das realidades de dominação racial. Lorde (1998, p. 376) complementa que a recusa em examinar as distorções que nos levam a avaliar as diferenças erradamente e os efeitos no comportamento que isso tem tornam impossível ver os problemas relacionados às mulheres e resolvê-los. Assim, admitir que todas as leitoras são iguais e que, portanto, apresentar uma branca na revista seria o mesmo que apresentar todas as mulheres e qualquer uma⁶, além de menosprezar o peso da discriminação sobre as não-brancas, acaba contribuindo para a manutenção do gênero como algo estático e homogêneo, que pudesse ser vivido de um único modo, e para a continuidade da hierarquização do tom de pele branco dentro do próprio grupo mulheres.

Por outro lado, falar desse guarda-chuva compartilhado e estático “mulheres”, nas reportagens com brancas e com as poucas negras, justificaria debates quase unânimes, como os recorrentes em *Claudia*, de como conciliar carreira e cuidado dos filhos, e evitaria o possível choque do público com abordagens polêmicas como poderia ser a restrição dos negros a determinados tipos de papéis em novelas. Tanto Taís, como Camila, por exemplo, na época da mencionada reportagem de 2010, atuavam como empregadas domésticas, o que reforça a associação entre negros e uma posição desigual na sociedade – herança histórica que demonstra como a convivência não tem sido tão “pacífica” –, mas não foi mencionado em *Claudia*. Afinal, o parêntese da discussão sobre racismo parece ter sido aberto e fechado na edição de 2009 e talvez se considere esse debate inapropriado diante da função de entretenimento da revista.

Depois do exemplar com Camila, passam longas 28 edições sem negras na primeira página até *Claudia* trazer novamente Taís Araújo (CLAUDIA, ago. 2012). Mas a única menção à questão racial é feita em um quadro de “dicas de beleza para negras”. A abordagem não só se concentra, mais uma vez, na dedicação da atriz para dar conta da jornada de trabalho e do cuidado com o filho, como também a protagonista de uma novela da rede Globo na época, aparece em um tom de pele aparentemente mais claro do que na capa de 2009, seja por efeitos de luz ou maquiagem.

Nogueira (1985, p. 7) fala de uma espécie de “cegueira” em relação aos traços negros, que aumentaria com o *status* que a pessoa tem e seria alimentada pelo desejo de branqueamento da população, resquício da tese elitista de uma nação integradora que deveria incorporar negros e indígenas, prevalecendo o branco. Ao se compararem as

⁶ Nota-se que até no interior dos exemplares, inclusive aqueles com negras nas capas, predominam modelos brancas em editoriais de moda e como ilustrações de reportagens.



duas capas de revista com Taís, é possível supor ainda que a mencionada “cegueira” é provocada, em parte, por publicações como *Claudia*, que tende a associar o tom de pele mais claro ao sucesso.

A ideia de que o racismo seria superado com o mérito de cada um, permeia o modo com que Camila e Taís são apresentadas na revista. Detalhes da trajetória das duas indicam que, com determinação e talento, é possível vencer a discriminação. Hipótese que lembra a tese de Freyre de “hierarquização como fruto do valor do indivíduo e não da cor da pele” (HENRIQUES, 2004, p. 305). É exaltada, então, a Camila, que saiu do Morro do Chapéu Mangueira, na zona sul do Rio de Janeiro, para ser heroína na ‘telinha’, e, Taís, que estudou em colégios caros porque os pais foram determinados, trabalhou duro e deu certo, entre tantas outras; comprovaram que é possível ser uma estrela, caso se faça por merecer.

Taís Araújo seria novamente a protagonista de um exemplar depois de exatos dois anos de intervalo de negras nas capas de *Claudia*. Na edição de agosto de 2014, diferentemente do último exemplar com a atriz global, o tom da pele negra parece mais realçado pela iluminação. A postura mais descontraída e o vestido curto sugerem uma liberdade de movimentos, em um ar mais despojado do que os exemplares anteriores mencionados com as duas atrizes.

Na *Claudia* de agosto de 2014, é preciso destacar que as negras apareceram mais, sendo representadas na seção “Inspiração gente”, que trouxe o depoimento da cantora Mariana da Cruz (CLAUDIA, ago. 2014, p. 40). Entre os editoriais de moda, além das modelos brancas, loiras e de olhos claros, a publicação trouxe uma modelo negra, apontando opções de figurinos estampados. De todas as mencionadas edições protagonizadas por negras, esta é a única em que o tom de pele escuro extrapola a matéria com a celebridade de capa, aparecendo nessas duas outras seções da revista.

O exemplar de 2014 traz Taís com os cabelos naturais curtos. A temática dos cabelos dá início à matéria principal, que destaca preferir os “caracóis” por gosto e por uma ação afirmativa da raça. “Fico orgulhosa de ser referência para a nova geração de negras” (CLAUDIA, ago. 2014, p. 128), expôs. A seguir, a revista detalha a vida pessoal e profissional da atriz, o que se segue por uma entrevista. No espaço, a atriz conta como surgem comentários racistas quando saem fotos dela com a família em sites de celebridades. Três perguntas da publicação falam mais diretamente sobre o racismo, questionando se Taís é alvo de discriminação, como ela pretende abordar o tema com o filho e se ela acha que o país está menos racista do que na época de infância da atriz. Taís comenta que sente o racismo, que é algo que precisa ser muito debatido ainda.

Porém, mesmo após essa discussão, o veículo volta a suas abordagens convencionais, de tal modo que as brancas ainda dominam nas demais matérias, como sobre pele sensível, dicas de maquiagem e de comportamento.

Apesar suas tentativas de discussão sobre a temática racial, então, *Claudia* parece relegar as negras a espaços bem determinados. Elas são autorizadas pela revista a se destacarem em edições e em matérias jornalísticas bem pontuais, sendo ainda associadas ao título de “outras”, como se as “normais”, que seriam admitidas mais frequentemente como modelo fossem as brancas, privilegiadas na grande maioria das páginas do veículo em questão.



Certamente, as capas com as duas atrizes não são o suficiente para comprovar a luta da revista pela igualdade “de gênero, de raça e muitas outras”, que estaria “no DNA de *Claudia*”, como tinha sido afirmado no editorial da edição especial contra o racismo (CLAUDIA, 2009, p. 10). Pelo contrário, os direcionamentos da publicação, multiplicados de edição em edição, pode fazer com que a valorização às brancas seja naturalizada, o que é reforçado pela sutileza de recursos gráficos e de linguagem, que fazem com que os exemplares se tornem agradáveis diante das leitoras.

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

A cada vez que *Claudia* reduz a representação das negras à separação de uma reportagem principal a cada 28 meses ou que restringe o assunto à mera divisão de espaço para dicas de beleza específicas, é como se não existissem problemas de discriminação no Brasil, em uma manutenção da crença da “benéfica convivência” entre os diferentes grupos. No “paraíso das relações raciais”, o racismo é menosprezado por uma revista feminina de extensa circulação.

Apesar de apresentar as negras como símbolos de brasilidade, figuras “tropicalíssimas”, o que lembra a perspectiva de Freyre de aparente valorização da multiracialidade, destacar esporadicamente somente duas personagens como se fossem as únicas negras em um país de dimensões continentais não é o suficiente para garantir o título de igualitária à *Claudia*, assim como não é elencar porta-vozes brancas para todas as causas femininas. Na verdade, apresentar somente Camila Pitanga e Taís Araújo – e em doses homeopáticas –, além de reduzir a dimensão da discriminação, reitera as negras como o que seria atípico na revista, enquanto as brancas seriam o “normal”, padrão a ser seguido. É como se as negras aparecessem somente sob o título da discriminação que sofrem ou na forma de conta-gotas, em breves apresentações na revista.

Notam-se, dessa forma, traços da colonialidade na revista, com uma hierarquia entre os indivíduos em que as brancas estariam em posição privilegiada, enquanto os outros grupos aparecem “também”, mas, não são recorrentes.

A publicação chega a reconhecer as desvantagens sobre o grupo negro, afinal, o país – e não a revista – discrimina, algo que *Claudia* reforça ser lamentável. Mas o combate ao racismo não passa pela abordagem constante e aprofundada da temática e nem é o bastante para que as negras deixem de ser consideradas as “outras” que aparecem na revista. Ao mesmo tempo, discursos reforçam que o país tropical permite que, com talento e determinação, se conquiste fama, sucesso e as capas de *Claudia*.

A harmonia do povo brasileiro, idealizada por Freyre, deveria pressupor que negras, indígenas, japonesas teriam vez na revista e nos demais espaços sociais; deveria pressupor o debate de discriminações, por menor que fossem, sem escondê-las por trás de vestidos caros, sorrisos largos e retoques de *Photoshop*. Mas, no falso “paraíso racial” modernizado, revelado em revista, a “tropicalíssima” Camila Pitanga é lembrada uma vez a cada quatro anos e a “brasileiríssima” Taís Araújo, apresentada como se a questão de sua cor pudesse ser reduzida a um determinado tipo de maquiagem.

**REFERÊNCIAS**

- ABRIL [on-line]. *Perfil do leitor*. Fonte dos dados: estudos Marplan consolidados em 2013. Disponível em: <<http://www.publiabril.com.br>>. Acesso em: 01 out., 2014.
- ALMEIDA, Miguel Vale de. O Atlântico pardo. Antropologia, pós-colonialismo e o caso “lusófono” (pp. 27-44). In: BASTOS, Cristiana; ALMEIDA, Miguel Vale de; FELDMAN-BIANCO Bela (orgs). *Trânsitos coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu: trajetórias do gênero*. Campinas: Unicamp, n. 26, jan./jun 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332006000100014>. Acesso em: 22 jan. 2014.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- CALDWELL, Kia Lilly. Fronteiras da diferença: raça e mulher no Brasil. *Revista Estudos feministas*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, v. 8, n. 2, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11922>>. Acesso em: 20 ago. 2014.
- CASTRO-GÓMEZ. Santiago. Michel Foucault y la colonialidad del poder. *Tabula Rasa*. Bogotá: Universidade Colégio Maior de Cundinamarca, n.6, jan-jun. 2007. Disponível em <http://www.scielo.unal.edu.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794-24892007000100008&lng=es&nrm>. Acesso em: 06 out. 2014.
- CLAUDIA. São Paulo: Editora Abril, n.3, ano 45, mar. 2006.
- _____, n. 9, ano 48, set. 2009.
- _____, n. 4, ano 49, abr. 2010.
- _____, n. 8, ano 51, ago. 2012.
- _____. n. 8, ano 53, out. 2014.
- CLAUDIA [on-line]. Editora: Nathália Florencio, Designer: Carol Soman. Webmaster: Gabriela Fontainhas. Disponível em <www.claudia.com.br>. Acesso em: 18 out. 2014.
- COSTA, Claudia de Lima. O tráfico do gênero. *Caderno Pagu: trajetórias do gênero*. Campinas: Unicamp, n.11, pp. 127-140, 1998.
- CURIEL, Ochy. Descolonizando el feminismo: una perspectiva desde la America Latina y el Caribe. In: 1º Colóquio Latino-americano sobre Práxis e Pensamento Feminista, 2009, Buenos Aires (Argentina), *Anais...* Grupo Latinoamericano de Estudios, Formación y Acción Feminista (GLEFAS) y Instituto de Género de la Universidad de Buenos Aires. 18p. Disponível em: <http://feministas.org/IMG/pdf/Ochy_Curiel.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2014.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Racismo e anti-racismo no Brasil. *Novos Estudos*. São Paulo, n. 43, nov. de 1995. Disponível em <http://novosestudos.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/77/20080626_racismo_e_anti_racismo.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2014.
- HASENBALG, Carlos; SILVA, Nelson do Valle. *Origens e destinos: desigualdades sociais ao longo da vida*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.
- HEBERLE, Viviane. Revistas para mulheres no século 21: ainda uma prática discursiva de consolidação ou de renovação de ideias? *Revista Linguagem em (Dis)curso*. Tubarão, v. 4, p. 85-112, 2004.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) [on-line]. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência, Censo 2010, *s/l*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao_deficiencia/default_caracteristicas_religiao_deficiencia.shtm>. Acesso em: 23 jan., 2014.
- LAURENTIS, Teresa de. Eccentric Subjects: feminist theory and historical consciousness. *Feminist studies*, Bloomington: Indiana University Press, n.1, vol.16, p. 115-150, spring 1990.
- LORDE, Audre. Age, race, class and sex: women redefining difference (p. 374-380). In: *Dangerous Liaisons: Gender, Nation and Postcolonial perspectives*. McClintock, Anne; Mufti, Aamir; Shohat, Ella (eds). Minneapolis: University of Minnesota Press, 1998.
- MAYORGA, Claudia; COURA, Alba; MIRALLES, Nerea; CUNHA, Viviane Martins. As críticas ao gênero e a pluralização do feminismo: colonialismo, racismo e política heterossexual. *Revista Estudos*
- BITTELBRUN, Gabrielle Vívian. As negras de Claudia, luso-tropicalismo em revista. **Revista Científica Ciência em Curso** – R. cient. ci. em curso, Palhoça, SC, v. 3, n. 2, p. 157-165, jul./dez. 2014.



Feministas. Florianópolis: UFSC, v. 21, n.2, mar./ago. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104026X2013000200003&script=sci_arttext>. Acesso em: 22 jan. 2014.

MOHANTY, Chandra Talpade. Under western eyes: feminism scholaschip and colonial discourses (p. 255-277). In: *Dangerous Liaisons: Gender, Nation and Postcolonial perspectives*. McClintock, Anne; Mufti, Aamir; Shohat, Ella (eds). Minneapolis: University of Minnesota Press, 1998.

MOUTINHO, Laura. Negociando com a adversidade: reflexões sobre “raça”, (homos)sexualidade e desigualdade social no Rio de Janeiro. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: UFSC, v. 21, n.2, mar./ago. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/8291/0>>. Acesso em: 22 de jan. 2014.

NOGUEIRA, Oracy. *Tanto preto quanto branco: estudos de relações raciais*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985.

RESTREPO, Eduardo; ROJAS, Axel. *Inflexión decolonial: fuentes, conceptos y cuestionamientos*. Popayán: Instituto de Estudios Sociales y Culturales Pensar; Maestría en Estudios Culturales; Universidad Javeriana; Editorial Universidad del Cauca, 2010.

RILEY, Denise. *Am I That Name? Feminism and the Category of “Women” in History*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1988.

RICH, Adrienne. Notas para uma política de localização (p. 15-35). In: MACEDO, Ana Gabriela (ed). *Gênero, identidade e desejo: antologia crítica ao feminismo contemporâneo*. Lisboa: 2002, Cotovia.

SANTOS, Helena Miranda dos. A construção da imagem “ideal” da mulher na mídia contemporânea. In: Fazendo gênero, UFSC, ago. 2008, Florianópolis-SC, *Anais...* Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST39/Helena_Miranda_dos_Santos_39.pdf>. Acesso em: 21 de jan., 2014.

THOMAZ, Omar Ribeiro. O bom povo português: usos e costumes d’aquém e d’além mar. *Revista Mana*. Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, abril de 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132001000100004&script=sci_arttext>. Acesso em: 22 de jan., 2014.

_____. Tigres de papel: Gilberto Freyre, Portugal e os países africanos de língua portuguesa (p. 45- 70). In: *Trânsitos coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

BASTOS, Cristiana; ALMEIDA, Miguel Vale de; FELDMAN-BIANCO Bela (orgs).

Abstract: *Some of the topics of national pride in Brazil include peaceful social coexistence and the mixing of races. Such generous race mixture is believed to be associated with the beauty of "Brazilian women", which, along with soccer and samba, make part of the most distinguished "matters" when Brazil is mentioned. Gilberto Freyre's intellectual works, based on a concept he called Lusotropicalism, represent the foundations of such pride. Freyre's ideas are discussed by Omar Ribeiro Thomaz and can also be found in articles of recent magazines, such as Claudia, a fact that should be questioned. The idea that Brazilian culture is all about social inclusion, and honoring national celebrities with all kinds of skin colors, is especially highlighted in some of Claudia's issues, which depict African-Brazilian celebrities as icons. However, just as the Portuguese racist behaviors, while in the colony, was far from being mentioned in the works of famous sociologist Gilberto Freyre, Claudia has never saved any room to discuss discrimination against black women. It has supported the subordination of individuals by mostly posting white women on its covers and major articles.*

Keywords : *Racism. Lusotropicalism. Gender. Claudia magazine.*